

**BOLETIM DA
BIBLIOTECA
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

VOLUME 45 ANO 2014

Introdução

Introduction

Uma história para a História das bibliotecas da Universidade

A history for the History of University Libraries

Sabemos bem que as Bibliotecas nem sempre foram como são hoje. Têm a sua história, ligada a muitas variáveis de circunstância. Tratando-se de uma biblioteca universitária, essa história não pode, desde logo, dissociar-se das condicionantes que pesam na vida da própria universidade. Sabemos que a construção da Biblioteca Joanina, por exemplo, foi decidida a partir de um determinado ideal de Conhecimento, que, no século XVIII, correspondia à celebração do livro, enquanto meio (quase exclusivo) de difusão de cultura.

Mas as bibliotecas não são apenas edifícios. Para além da solidez das pedras e das estantes, existe um conjunto de procedimentos porventura ainda mais definidores.

Um dos elementos que hoje detém mais força distintiva numa biblioteca prende-se com o seu grau de informatização. Serão muito poucas as bibliotecas abertas ao público que não têm já os seus acervos tratados, permitindo a busca de documentos ou a requisição “em linha”. Esse importante fator de diferenciação, porém, é muito recente.

Nas bibliotecas da Universidade de Coimbra, os primeiros esforços de informatização datam do início da década de 70 do século passado, o que desde logo nos colocava numa posição de vanguarda, em termos nacionais. É bom lembrar que estávamos então ainda num tempo em que era possível resistir à inovação tecnológica: uns abraçavam-na com grande entusiasmo mas outros desconfiavam dela, duvidando dos seus benefícios práticos e sublinhando a “desumanização” que adviria da mudança. Na prática, o receio vinha, tão-só, da ideia de que uma máquina (qualquer que ela fosse) não pudesse desempenhar tão bem as funções que antes eram da responsabilidade exclusiva das pessoas. O preconceito era simples e ainda hoje não desapareceu: de facto, para tratar de livros, requer-se não só a existência de um suporte técnico adequado mas também a sensibilidade humana, que, até hoje, nenhuma máquina deu provas de possuir.

O tempo viria, contudo, a demonstrar que uma e outra componente continuariam a ser necessárias, em regime de conjugação: justifica-se o recurso à tecnologia e, ao mesmo tempo, é necessário manter a proximidade em relação às pessoas que conhecem os documentos na sua materialidade e no seu conteúdo, mantendo com eles uma relação insubstituível de zelo e de afeto.

Não era assim há quatro décadas, quando foi necessário tomar as primeiras decisões a este respeito. E, por isso, as pessoas que as tomaram são credoras do louvor e do reconhecimento não só de todos os que trabalham no interior das bibliotecas mas também de todos aqueles que delas se servem como lugar privilegiado de pesquisa. Sabe-se hoje qual é o caminho; sabe-se, também, que outros o trilharam antes, com excelentes resultados. Quase não existe margem para hesitação, portanto. Na altura, porém, não era assim. Tudo estava em aberto. Para mais, as bibliotecas da Universidade detinham uma aura patrimonial que, aos olhos de alguns, se bastava a si mesma. Para quê então gastar dinheiro (bastante dinheiro) numa modernização na qual nem toda a gente acreditava?

No estudo que se segue, procede-se a uma reconstituição de todo o processo de informatização que, tendo começado na Biblioteca Geral, se estendeu depois (em muito boa hora) às restantes bibliotecas da universidade e do país. Não tendo sido testemunha direta dos fatos, a autora teve que recorrer a muitos tipos de fontes e, sobretudo, teve que recolher muitos testemunhos. Fê-lo, com

método, paciência e critério. Em resultado desse seu entusiasmo esclarecido, o leitor interessado passa a dispor de uma história do processo de informatização das bibliotecas da Universidade. Como não poderia deixar de ser, para além do elenco de factos objetivos, neste estudo faz-se justiça àqueles que compreenderam o alcance da mudança e que não se pouparam a esforços de toda a ordem para que o processo tivesse início e continuasse depois, até onde era possível desenvolvê-lo.

São muitos os nomes referidos como credores desse serviço prestado às bibliotecas e à Universidade e todos eles são devidamente enaltecidos no trabalho que agora vem a público. Não posso, porém, deixar de destacar dois protagonistas: o Doutor Aníbal Pinto de Castro e a Dr^a Maria Teresa Pinto Mendes, que então ocupavam os cargos de Diretor e de Adjunta do Diretor da Biblioteca Geral. Quem os conheceu, sabe que, entre um e outro, se verificavam importantes diferenças de formação e temperamento. O primeiro era sobretudo, um homem da Universidade e mais concretamente, um professor e um investigador de matérias humanísticas. A Dr^a Maria Teresa Pinto Mendes, embora portadora de uma cultura e de uma sensibilidade invulgarmente abrangentes, representava sobretudo o mundo das bibliotecas, na sua especificidade inconfundível. Em geral, o encontro entre estes dois tipos de “subculturas” não era (e continua a não ser) fácil. Nesse momento decisivo, porém (como felizmente sucedeu em muitas outras ocasiões) o encontro pôde ter lugar e deu resultados muito bons para toda a comunidade académica. Havia opções técnicas para tomar; mas havia também que preservar o interesse e as inclinações naturais dos utentes das bibliotecas: tanto dos que aderiram às novas tecnologias como daqueles que, por cepticismo ou por simples comodidade, preferiam manter-se afastados delas. Prevaleceram então saudáveis equilíbrios: a mistura entre o bom senso e a ousadia, a mudança que se impunha e a fidelidade ao essencial.

As transformações que resultaram desta iniciativa (que foi, desde a primeira hora, muito acarinhada pelos Reitores da época), implicaram acidentes de percurso e exigiram alguns realinhamentos. De um certo ponto de vista, pode dizer-se que o processo ainda não está concluído. Mas o que nos ficou desse início e desse impulso é de uma inestimável importância para todos.

Por via delas, mudou o trabalho de catalogação e alteraram-se, sobretudo, para muito melhor, as condições de acesso aos documentos. De entre as muitas mudanças verificadas ao longo dos séculos (sobretudo no que diz respeito às formas de organização do acervo e à liberalização do acesso aos documentos) a informatização há de ser, seguramente daquelas que deixará um rasto mais impressionante. Nessa medida, a Dr^a Carla Ferreira doa às bibliotecas e à Universidade que serve um precioso contributo para o conhecimento da sua história e, portanto, para a confirmação da sua identidade, enquanto instituição que, sendo portadora de um longo e prestigiado passado, sabe também viver o presente, reagindo adequadamente aos seus desafios.

José Augusto Cardoso Bernardes

Diretor da Biblioteca Geral e do Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra